

Na África gente mangueiros
manacas C. Povo
(M 5542 556) 19.12.82
RN 94
Flu - 23.8.81

o rapaz que ia ser deportado

em homem

MANDAM-ME a Uganda para as festas da Independência do país. Se o leitor não sabe onde fica isso, não precisa parar de ler a crônica. Perdão a sua ignorância. ~~conheço um diplomata que~~ até bem pouco tempo fazia uma certa confusão entre algumas palavras: Uganda, Gana, Ruanda, Cubango...

Cubango é um subúrbio de Niterói, embora também possa ser nome de alguma cidade da África — de Angola, talvez. E Uganda, até o dia 9 de outubro de 1962, não era um país independente e sim um protetorado britânico — e afinal a gente não tem muita obrigação de saber onde fica o protetorado dos outros.

Uganda fica no centro da África, mais para o lado de lá que para o nosso lado, à altura do Equador, entre Kênia e o Congo. Do Congo o leitor terá alguma idéia, devido às brigas; e Kênia é aquela colônia britânica onde tem as neves do Kilimandjaro, safaris e os Mau-Mau. A capital de Kênia é Nairóbi — e quando a aeromoça avisa que vamos descer em Nairóbi, onde esperarei meu avião para Uganda, eu me lembro das conversas que ouvi, no tempo de Jânio presidente, sobre um jovem diplomata que fôra nomeado cônsul em Nairóbi.

Não me lembro o nome desse môço; diziam que era um rapaz brilhante. Lembro a conversa de dois amigos seus, um deles dizendo que, se fôsse com êle, mobilizaria tudo quanto é pistolão — generais, senadores, amigos da família do Ministro — para não ir para aquêle fim de mundo. Recordo também o comentário irritado de uma alta figura do Ministério quando soube que o môço estava querendo tirar o corpo fora:

“É preciso acabar com isso, essa coisa de refugar pôsto. Diplomacia tem que ser como serviço militar: o sujeito recebe ordem, não discute mais!”

O que mais me impressionou, entretanto, foi o que dizia uma bela môça, admiradora do rapaz: “um dos môços de mais valor do Itamarati mandado para a África Negra, à altura do Equador, para um lugar onde cônsul brasileiro nenhum teria coisa alguma a fazer!” Ah, pobre môço, jogado aos mosquitos (inclusive

môca tsé-tsé), aos leões e aos Mau-Mau! Já o via de ventarola e chapéu colonial, a definhar, ardendo de febre, na noite tropical, em uma choupana de palha perdida na escuridão...

Não sei onde anda aquêle rapaz, sei que até hoje o consulado do Brasil em Nairóbi só existe no papel. O Ministério o proverá quando entender oportuno. E se eu fôsse um jovem secretário adoraria começar minha carreira por uma boa temporada aqui, nesta cidade bonita, alegre, moderna, neste Hotel New Stanley que o nosso embaixador no Cairo, Thompson Flôres, me recomendou, e que é realmente um dos hotéis mais simpáticos do mundo.

Sim, estamos perto do Equador, mas se Belém e Manáus são cidades amoráveis, Nairóbi tem um clima muito melhor, a quase 1.700 metros sôbre o nível do mar. E dêste hotel onde nos dias bem claros se pode ver o cimo coroadado do Kilimandjaro, léguas além, e nas noites bem calmas se pode ouvir o ronco dos leões que passeiam soltos pelo Parque Nacional perto da cidade — êste hotel, com vários bares e restaurantes, tem uma vibração humana incomparável nesta manhã de sábado. São centenas de pessoas que bebem, comem e circulam, gente de várias raças — lindas môças inglêsas queimadas de sol, filhas de fazendeiros, indianas morenas e negras, altas e elegantes, tôda uma população colorida que parece ter prazer nessa mistura, na alegria dessa manhã de sábado. E a cidade é cheia de árvores e jardins — ali em frente, junto a uma estátua, todo um canteiro de manacás em flor, com seu branco e seu roxo brilhando ao sol — e parques, edifícios modernos cheios de luz e vidro, residências afundadas em verde, templos de muitas religiões do Ocidente e do Oriente — uma dessas cidades que certamente tem muitos problemas, mas onde se sente o prazer da vida, o pulso da humanidade a bater com força...

“Só quero que me esqueçam aqui” — confia-me o cônsul-geral de um país amigo, depois de me contar algumas aventuras. E fico imaginando onde estará neste momento aquêle rapaz brasileiro que correu o risco de ser “deportado” para Nairóbi.